



CULTURA & POLÍTICA @ CIBERESPACIO

1er Congreso ONLINE del Observatorio para la CiberSociedad

Comunicaciones – Grupo 5 Ciberespacio y religiosidad

Coordinación: Luis Ignacio Sierra (lisierra@javeriana.edu.co)

<http://cibersociedad.rediris.es/congreso>

Religiões afro-brasileiras na Internet: exercendo a cidadania no cyberspaço

Cristiana Tramonte
Universidade Federal de Santa Catarina

No limiar do século XXI, grupos humanos com as mais variadas configurações sociais, filosóficas e religiosas perguntam-se ainda sobre questões essenciais que sempre povoaram as grandes polêmicas da História. Percebe-se a permanência de indagações que assumem a forma de antagonismos e que dividem os grupos humanos, causando os grandes conflitos e posições irreconciliáveis que tem apontado, entre outras, para duas grandes tendências da modernidade: o individualismo, e seus poderosos aliados - o racismo, os fundamentalismos e os fanatismos de toda ordem.

Este grande caldeirão social e filosófico - no qual posições extremadas parecem radicalizar-se - coloca lado a lado barbárie e civilização: assiste-se, *on line*, a um intenso desenvolvimento tecnológico convivendo com formas brutais e primitivas de combate xenóforo, em cuja lógica prepondera a intolerância e a incapacidade absoluta de conciliar, dialogar e fazer conviver a diversidade quer seja ela de tipo cultural, religiosa, étnica ou social.

Apesar deste quadro aparentemente insólito que parece, à primeira vista, um labirinto sem saída, algumas alternativas vão sendo construídas por grupos humanos que buscam expandir sua influência cultural através de outras vias (que não a xenofobia e os extremismos) construindo processos de comunicação e democratização do conhecimento. Para exemplificar, poderia ser citada a atuação eletrônica dos terreiros de candomblé no Brasil.

A TRADIÇÃO REVISITADA NA MODERNIDADE

Sem pretender generalizações apressadas, mas à guisa de estímulo à reflexão, pode-se examinar por quais caminhos expande-se a influência de vários grupos praticantes da religião afro-brasileira: os inúmeros e variados *sites* e *home-pages* dos terreiros

de candomblé na INTERNET apontam para a convivência entre modernidade e tradição. Ao mesmo tempo em que grupos significativos de candomblé no Brasil buscam afirmar sua tradição - origens culturais e raízes "autênticas" (estas entendidas enquanto africanidade¹), procuram também afirmar sua modernidade situando-se no *cyberespaço*, em vez de buscar afirmação fechando-se sobre si mesmo. Esta nova lógica resulta num esforço de convivência, que alia modernidade e tradição e aponta para uma atuação aberta ao intercâmbio com a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que potencializa a informatização e a comunicação eletrônica como um canal de diálogo, democratização do conhecimento e construção de processos de incorporação cultural².

Segundo o antropólogo Raul LODY (1987), o candomblé, originário da África, é uma congregação de sobrevivências étnicas que teve grande disseminação e reinterpretação como cultura afro-brasileira em nosso país. De acordo com o autor, a produção cultural constrói a aliança entre os planos do sagrado e do humano. Assim, a música, dança, canto, gestos e alimentos emanam a força vital e as máscaras, esculturas, adornos e pinturas contribuem na unidade do grupo social, simbolizando seus ciclos e passagens. A sociedade do candomblé é controlada e protegida por dois elementos fundamentais: a natureza, o meio ambiente, corporificados e santificados nos orixás e as expressões dos antepassados. *"Assim, a energia da natureza e os heróis e reis divinizados são alguns dos principais motivos do plano do sagrado, íntimo e cotidiano para o homem africano. Esta presença está na casa, no santuário, no comércio, nas tarefas, nos campos, nos rios, no mar, no desenvolvimento das técnicas artesanais...desenhando dessa maneira o próprio ser cultural"*.(p.9)

Claro está, pelas considerações acima, que elementos da tradição - natureza e conhecimento ancestral - permanecem como eixos essenciais da prática do candomblé desde seus primórdios. Num clássico artigo intitulado "Iansã não é Santa Bárbara" largamente difundido na INTERNET, várias Iyalorixás da Bahia reivindicam a pureza da tradição. *Diz o documento: "As iyás e babalorixás³ da Bahia não querem também permitir mais que sua religião seja tratada como folclore, seita, animismo ou religião primitiva como sempre vem ocorrendo nesta cidade"*⁴

O ENCONTRO RELIGIOSO NO CYBERESPAÇO

No Brasil, os terreiros de candomblé e umbanda representam uma força social significativa de afirmação da cultura afro-brasileira. Como estratégia de expansão de sua influência, esta rede humana penetra a extensa rede de computadores - a INTERNET - que emerge como uma poderosa aliada na inserção e veiculação da sua prática. São inúmeros os grupos que possuem suas *home-pages* na rede. Alguns exemplos são: Ilé Axé Opô Afonjá (Bahia), Sociedade Africana Ilê Oxum Docô e Ilê Nagô Kaô Xangô Okanimô (Rio Grande do Sul), Axé Ilê Obá, Pai Celso de Oxalá e Pai Danilo do Ogum (São Paulo), Abassá de Odê (Santa Catarina) entre outros, em várias localidades do país. Existem ainda inúmeros *links* para bibliotecas e livrarias especializadas⁵, editoras, programas de rádio⁶, organizações não-governamentais, empresas alternativas⁷, listas de bibliografia, boletins⁸ e manifestos de apoio ou repúdio a iniciativas neste campo⁹. Em âmbito internacional, também há vários outros exemplos de páginas de cultura de origem africana na rede¹⁰.

A convivência entre tradição e modernidade é um desafio para a época atual. A rapidez e conseqüente fluidez de acontecimentos e transformações em todas as áreas do conhecimento ocupa o nível "macro" da sociedade, mas resiste, em nível

microsocial a vontade e a ação de grupos humanos no sentido de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar totalmente delas. Ao contrário, estes grupos parecem sentir a necessidade de expandir sua influência e assim, resistir à massificação globalizada. Esta redefinição e/ou luta pela manutenção das tradições culturais vê-se defronte a novas necessidades e demandas criadas pela modernidade e transmitidas pelas novas tecnologias, rapidamente popularizadas pelo mercado.

Embora freqüentemente estes grupos culturais polarizem-se na dualidade "aderir" ou "rejeitar" as mudanças tecnológicas, uma parcela significativa acaba optando pelo caminho da incorporação, qual seja, aproveitamento dos elementos facilitadores que as tecnologias carregam sem perder de vista a tradição.

THOMPSON (1990) afirma que a mudança tecnológica sempre foi crucial para a transmissão cultural ao longo da história, pois altera a base material e meios de produção e recepção dos quais depende este processo. Dentro desta concepção, a mudança tecnológica implica em alterações nos processos de transmissão cultural. Claro está porque os grupos humanos que organizam-se sobre bases e práticas culturais - como os praticantes do candomblé - vêem-se na contingência de assimilarem e adequarem suas práticas assentadas sobre bases tradicionais às novas tecnologias, equipando-se com fax e secretária eletrônica, criando *home-pages* na INTERNET, produzindo vídeos inclusive para veiculação em TVs a cabo, etc. THOMPSON lembra ainda que a comunicação de massa se interessa pela produção e transmissão de formas simbólicas produzidas e desenvolvidas por meio de tecnologias da mídia. Ora, se as formas simbólicas podem desta maneira propagar-se, porque os grupos culturais interessados em difundir suas práticas não estariam interessados nestas tecnologias? Porque opor, então, tecnologia e tradição? E neste sentido inverte-se a lógica mesma, intrínseca, do modelo de globalização hegemônico. Esta implica em descaracterização regional e cultural e submissão à lógica do consumo que ignora origens grupais e valores ancestrais e promove mudanças tecnológicas tão velozes que qualquer idéia de permanência se dissolve.

A DEMOCRACRATIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Claro está, portanto, que a tecnologia pode ser utilizada a favor de uma outra concepção de globalização. Esta concepção pode ser o avesso da hegemônica - que pressupõe o reinado do mercado do consumo de bens e a massificação da informação e da comunicação - e repropor o contato interplanetário para a democratização cultural, política e social. CADOZ lembra que, pela tecnologia o ser humano pode, no passado, obter um prolongamento de si. Inicialmente a mão, estendida pelas primeiras ferramentas e depois, com signos, linguagens e escritas estendeu o alcance espacial, temporal, social e histórico de sua comunicação e conhecimento. E assim, através também da ferramenta, ou da tecnologia, modificou sua relação com o mundo. Ao modificá-la, alterou sua cultura. Entretanto, é bom salientar que não há fatalismos neste processo intra-influente: os grupos culturais não submetem-se simplesmente à lógica tecnológica; eles a transformam e sobre ela influem, num vaivém contínuo de receber e transmitir influências. O momento atual é marcado, porém, por uma singularidade, como analisa CADOZ: a informática é radical ao alterar a relação ser humano/mundo, porque intervém em três dimensões: ação, observação e conhecimento do real e da comunicação. "*E por outro lado envolve todos nossos atos e problemas e os transforma em atos e problemas de informação*" (1997:66). Ou seja, não é difícil aceitar que os recursos tecnológicos caracterizam-se atualmente por constituírem-se em realidade em si mesmos, interferindo em ações, emoções e

opiniões. A vivência da possibilidade de constituição de uma realidade virtual, plena de complexidades é um exemplo de como ações, emoções e opiniões podem constituir-se num plano exterior à realidade concreta tal como se concebia há poucos anos atrás. A linha divisória entre real e virtual é cada vez mais tênue, de modo que virtual é parte do real mesmo, uma convivência cada vez mais cotidiana para aqueles que vivem em sociedades altamente desenvolvidas em termos tecnológicos.

DOS LOCAIS DE CULTO AO CIBERESPAÇO: O CASO DE SANTA CATARINA - BRASIL

As religiões afro-brasileiras em Santa Catarina tem uma história particular de resistência e busca de afirmação. Examinando sua trajetória, veremos que as estratégias evoluíram do enfrentamento não-violento¹¹ até a ocupação coletiva do espaço público. Atualmente, os terreiros e barracões do chamado "povo-de-santo"¹², integram-se definitivamente à Era da Informação, utilizando-se do espaço virtual e seus recursos para aproximar-se não só de seus praticantes, como também potencializar a *web* como fórum democrático de divulgação e debate de questões pertinentes aos religiosos. Estas são desde as mais corriqueiras, como por exemplo, o conjunto de preceitos necessários para fazer um "amaci"¹³, até o debate de dogmas essenciais.

Na Grande Florianópolis, alguns terreiros buscam expandir seu campo de atuação e extrapolar os muros de sua limitação geográfica colocando suas *home-pages* na Internet. Entre eles estão a Tenda de Umbanda Cabocla Marola do Mar, de Biguaçu, Ilê Àsé Olorunfúnmi, de Florianópolis, que funciona articulado ao Centro de Estudos e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira Orunmilá e a Tenda Espírita Caboclo Cobra Verde, em Barreiros. A Comunidade Terreiro Abassá de Odé, praticante do Candomblé de Angola também já possui *home-page* mas no momento encontra-se desativada. Faremos uma breve análise dos dois primeiros terreiros, cujos *sites* estão em atividade há mais tempo.

A Tenda de Umbanda Cabocla Marola do Mar disponibiliza suas informações através da entidade civil Associação Beneficente e Cultural Marola do Mar. Os principais acessos são assim denominados: Quem Somos, Prece, Entidades, Deveres de um médium, Os Dez Credos da Umbanda, Guia de Segurança, Magias da Carmencita, Magias da Limpeza, Para Refletir.

Além das informações específicas do grupo, suas entidades-guia, endereço, objetivos, etc. há ainda uma seleção de conteúdos que visam proporcionar um aprofundamento dos conhecimentos religiosos. Em "Magias da Carmencita" são fornecidas algumas fórmulas e seus objetivos, indicadas por uma das entidades da casa¹⁴, a Cigana Carmem. Além destas, a Associação possui ainda uma lista de participantes via *e.mail* para os quais fornece, constantemente, todo tipo de mensagem religiosa. Alguns títulos são: Pensamento do Dia, O Poder da Prece, A importância do Perdão, Oração, Decálogo do Cotidiano, Lenda Oriental, Sonhos e Poemas, Umbanda Virtual, etc.

Desta forma, sem violar preceitos, o terreiro desvenda suas atividades práticas e orientações espirituais a quem deseja conhecê-las, possibilitando um acesso democrático e contribuindo para a desmistificação da religião. Pode-se afirmar que esta é uma estratégia de expansão de sua influência, na qual a INTERNET emerge como uma poderosa aliada da modernidade na inserção e veiculação das tradições do

povo-de-santo. Além disso, o espaço virtual significa, para o grupo de médiuns deste terreiro, uma importante fonte de informações nas "atividades de estudo" realizadas semanalmente, além da participação em listas de discussão que o colocam "em rede" com outros terreiros. Em todo o Brasil, são inúmeros os grupos que possuem suas *home-pages* na rede, o que multiplica ao infinito esta convergência entre modernidade e tradição e a possibilidade de manter uma interrelação multifacetada.

Lévy (1998) aponta a emergência do ciberespaço como a mais marcante manifestação de uma revolução contemporânea ímpar, que resulta numa mutação antropológica de grande amplitude. Ele faz uma generalização que considera "audaciosa": quanto mais um regime político, uma cultura, ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, mais sobreviverá com resistência e mais brilhará na era contemporânea. Não se trata de dissolução de fronteiras, alerta, mas de considerar que a melhor forma de desenvolver uma coletividade não é construir, manter ou ampliar fronteiras, mas melhorar a qualidade das relações tecidas neste conjunto. Esta parece ser a perspectiva do povo-de-santo da Grande Florianópolis que está disposto a veicular práticas e valores ancestrais e mesmo perpetuá-los na medida do possível, através de sua difusão massiva e utilizando-se do espaço virtual para reforçar laços, debater preceitos e tornar-se visível e presente na atualidade. Além disso, como indica Lévy, o ciberespaço permite, simultaneamente, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto, contribuindo na construção de uma memória coletiva, que, ao invés de originar-se de um "centro emissor Todo-Poderoso" [sic] emerge da interação entre os participantes.

O Ilê Àsé Olorunfúnmi, do Babalaô Guaraci E. Fernandes encaixa-se nesta definição. O objetivo da *home-page* do Centro é possibilitar o acesso a "*milhares de anos de cultura e sabedoria ainda não conhecidos*". Na apresentação, destaca-se a *home-page* como fonte de pesquisa "*além do conhecimento de causa adquirido por nossa vivência neste culto, através da tradição oral, peça fundamental na transmissão do conhecimento nesta cultura*". Os links remetem a informações sobre aspectos da tradição cultural de origem yorubá tais como: eguns, orixás, Oráculo de Ifá, cânticos, etc. Há ainda uma apresentação do grupo responsável e dados sobre a história do Centro, além das formas de entrar em contato com o babalaô responsável. No link "Quem somos", este declara: "*Fui prometido a um Caboclo de Umbanda por minha mãe dizendo ela a esta entidade: o filho através dela gerado se viesse ao mundo iria receber o seu nome, Guaraci, semi-sol da nação Tupi-Guarani*". Os limites do recurso tecnológico estão explicitados: há um alerta no sentido de que "*não se pretende iniciar ninguém via Internet, mas deixar uma marca desta cultura milenar ancestral a todos interessados*". Claro está, portanto que, neste caso, a modernidade tecnológica propiciada pela Internet não substituirá ou suplantará o valor da tradição, mas apenas contribuirá para difundi-la e que, para este grupo, o espaço virtual caracteriza-se como um fórum de debates, de difusão de informações e de referência para atuais e futuros contatos.

A possibilidade da confluência de diversos tipos de saberes num espaço único, plural e multifacetado dá uma nova significação à idéia de espaço e de transmissão do conhecimento. No caso das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis, o ciberespaço alarga o leque de influências do povo-de-santo local, além de gerar a interrelação multidirecional entre os próprios adeptos e destes com a sociedade em geral. Democratiza-se o acesso à tradição sem, entretanto, desvirtuá-la, na medida em que os grupos participantes da rede é que são os autores das informações ali disponibilizadas, as quais, por sua vez, estão acessíveis a todos que acessam a rede, indistintamente. O restrito espaço do terreiro ganha, assim, dimensão global, sem perder a base física, permitindo a articulação micro e macro simultaneamente, sem

correr o risco de privilegiar um âmbito em relação a outro, mas fazendo conviver dinamicamente as variadas possibilidades da prática religiosa.

A AUTENTICIDADE EM QUESTÃO

A América Latina caracteriza-se por larga tradição de resistência popular e reproposição aos modelos hegemônicos excludentes que lhe foram apresentados ou impostos. Nesta longa luta pela democratização de bens materiais e culturais, formaram-se frentes de atuação social, econômica, étnica, ecológica e cultural que buscaram organizar grupos e setores baseados em concepções democratizadoras de atuação e convivência. No Brasil, são particularmente relevantes as iniciativas de afirmação cultural afro-brasileira organizadas em torno de ritmos e melodias, tais como grupos baianos Olodum e o tradicional Afoxé Filhos de Gandhi, as escolas de samba em várias cidades do país e outras, com preocupações francamente pedagógicas e comunitárias¹⁵. No campo do sagrado, também os grupos de tradição religiosa afro-brasileira - umbanda e o candomblé - adquirem especial alcance ao buscarem transpor os limites geográficos e sociais de seus terreiros e grupo de adeptos e enviar para o *cyberespaço* suas mensagens, convites e cartas de intenções, numa clara tentativa de expandir seu campo de influência.

É nesse redemoinho de transformações tecnológicas que inserem-se os praticantes do candomblé buscando apresentar seu trabalho, suas propostas e intenções. É claro que, entre os inúmeros *sites* que surgem a partir das palavras-chave "candomblé", "orixás" "religião afro-brasileira" e outras é preciso fazer uma triagem cuidadosa, visando, por exemplo, a discernir os grupos que atuam em uma linha comunitária e de afirmação cultural e outros, com intenções preponderantemente comerciais e sensacionalistas. A dualidade e risco da inserção na rede eletrônica não foge à arguta percepção de lideranças de grupos ligados à religião afro-brasileira, como atesta este alerta dado pela organização baiana Ilé Axé Opô Afonjá, no documento "Algumas considerações": *"Agora uma nova configuração se instala. Neste fim de século com a corrosão das instituições religiosas tradicionais... o candomblé, agora considerado religião é visto também como uma agência eficiente.. ..Mais do que nunca as Iyalorixás e Babalorixás se questionam. As armadilhas, os caça-fugitivos, estão instalados. São os congressos, a TV - é a mídia - os livros, a web, em certo sentido. Tudo isto é transformado, por nós, em pinças para separar o joio do trigo... Diferenciação é conhecimento, candomblé é religião, não é seita"*. (grifo meu). Claro está, portanto que a rede é vista como um instrumento dual, multifacetado, em relação ao qual cabe o papel das lideranças dos grupos de religião afro-brasileira encaminharem, escolherem e decidirem as formas mais adequadas de sua utilização. Se, por um lado, há a crítica à tecnologia (mídia, web), por outro, há a relativização e a compreensão da complexidade do fenômeno tecnológico na atualidade, expressas na expressão "em certo sentido", do documento

Significa portanto, que a informatização dos terreiros de candomblé e umbanda é apenas um facilitador para todos aqueles que desejam contatos ou aprofundamento no conhecimento das práticas religiosas. O trabalho de seleção, compreensão e discernimento sobre concepções diferenciadas que embasam e sustentam os grupos que surgem, por exemplo, a partir de uma palavra-chave feita na "busca" fica a cargo do "internauta" que deve, portanto, munir-se de suficiente embasamento teórico-prático para distinguir entre diferentes propostas.

Esta análise aponta para o fato de que a informática e as tecnologias em geral não promoverão por si mesmas a democratização do conhecimento, mas apenas podem facilitar o acesso a este. O semiólogo Umberto ECO¹⁶ aponta para o labirinto que se constitui a rede informatizada quando não existe, por parte do indivíduo, critérios, conhecimento ou formação cultural suficientes para realizar o trabalho de triagem e confronto de informações. Ele vai ainda mais longe afirmando que o excesso de informações - sem critérios - pode significar um vazio equivalente a nenhuma informação. CHOMSKY (1998) acredita que a informação não é conhecimento. Como exemplo, ele afirma que a população intelectualmente subdesenvolvida não tem problema de falta de informação, mas sim de entendimento. Além disso, o uso da INTERNET abre muitas portas, mas há também o perigo do desaparecimento da singularidade cultural, alerta o lingüista.

A educação, a formação, os processos de construção do conhecimento e do espírito crítico são, portanto, progressivamente os elementos cada vez mais imprescindíveis na denominada Era da Informação, para a constituição de um cidadão que seja capaz de reconhecer, descobrir, escolher e exercer seu espírito crítico em meio à grande quantidade de informações que a informática e, crescentemente em especial a INTERNET, proporcionam. Do contrário, pode-se resvalar no perigoso terreno da apologização da tecnologia e conseqüente esvaziamento do ser humano, de sua história, cultura e possibilidades de construção do conhecimento de ação propositiva em relação à realidade.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita Melo. Página Urbanitas.[on line]. Disponível na INTERNET via <http://www.aquaforte.com>. Arquivo capturado em 7 de novembro de 1998.

BOLETIM AFRONOTÍCIAS. Informativo interativo sobre relações raciais, África e cultura negra no Brasil. Universidade Cândido Mendes/CEAA, nr.35, 23/10/98.

CACCIATORE, Olga G. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Forense Universitária. Rio de Janeiro: RJ, 1988.

CADOZ, Claude. Realidade virtual. Ed. Ática. São Paulo: SP, 1997.

CHOMSKY, Noam. Jornal Em Tempo. Belo Horizonte: MG, 8.11.1998. pág.2.

ECO, Umberto. Entrevista concedida ao Programa Hiperídia. GNT, 1997.

FÓRUM DE ENTIDADES DE DIREITOS HUMANOS DO ESTADO DA BAHIA E COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. AXE, ZUMBI - ONGS DA BAHIA. Exposição de Museu agride cultura negra na Bahia. [on line] Disponível na INTERNET via <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>

Documento capturado em 17.10.98

GANTOIS, Menininha do. Iyalorixá do Axé Ilê Iya Omin Iyamassé; Stella de Oxossi, Iyalorixá do Ilé Axé Opô Afonjá; Tete de Iansã Iyalorixá do Ilé Nassô Oká e Olga de Alaketo, Iyalorixá do Ilé Maroia Lage. Iansã não é Santa Bárbara. Salvador:BA,

12.8.83. [on line] Disponível na INTERNET via <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>. Documento capturado em 22.10.98

ILÉ AXÉ OPÔ AFONJÁ. Algumas considerações. Oni Kòwé. Salvador:BA, outubro de 1996.[on line] Disponível na INTERNET via <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/1322>. Documento capturado em 17.10.98

LODY, Raul. Candomblé. Religião e resistência cultural. Ed. Ática. São Paulo:SP, 1987.

MUNANGA, Kabengele. Negritude. Usos e sentidos. Ed. Ática. São Paulo:SP, 1988.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos Meios de comunicação de massa. Petrópolis:RJ, 1990.

TRAMONTE, Cristiana. O samba conquista passagem. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. NUP/ DIALOGO/ Fondation pour le Progrès de L'Homme. Florianópolis:SC, 1995.

TENDA DE UMBANDA CABOCLA MAROLA DO MAR

<http://clientes.brasilnet.net/lirio Branco>

TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE – MSN Web Community

Centro de Estudos e Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira Orunmilá - Ilê Àsé Olorunfúnmi . <http://clientes.brasilnet.net/xdesigner/ileache>

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, n.9, dez. 1998.

NOTAS

¹ Poderíamos chamar ainda de "negritude". Segundo Kabengele MUNANGA (1988), há cerca de cinquenta anos nasce o conceito e movimento ideológico. O autor localiza ainda uma definição cultural segundo a qual negritude seria a "afirmação do negro pela valorização de sua cultura, a começar da poesia e outros".

² Entende-se cultura nas duas instâncias apontadas por THOMPSON (1990): a concepção descritiva e a concepção simbólica. A primeira refere-se a um variado conjunto de valores, crenças, costumes, e práticas de uma sociedade específica ou de um período histórico. A simbólica aponta para os fenômenos culturais como plenos de simbolismo e seu estudo está interessado na interpretação destes símbolos e na ação em que implicam.

³ Iyá = O mesmo que "mãe" em yorubá. Especifica cargo hierárquico no candomblé. Babalorixá = Chefe de terreiro. CACCIATORE, 1988

⁴ O documento contém a assinatura das seguintes lideranças do candomblé baiano: Meninha do Gantois, Iyalorixá do Axé Ilê Iya Omin Iyamassé; Stella de Oxossi, Iyalorixá do Ilé Axé Opô Afonjá; Tete de Iansã Iyalorixá do Ilé Nassô Oká e Olga de Alaketo, Iyalorixá do Ilé Maroia Lage. 12/8/83

⁵ Vale conferir a excelente Biblioteca Comboniana da Bahia - comboni@ongba.org.br, que possui consulta on-line e o acervo do Núcleo de Estudos Negros - NEN, de Florianópolis (SC) pelo endereço nen@ced.ufsc.br

⁶ Pai Celso de Oxalá possui um programa de rádio denominado "O Nosso Cantinho", que vai ao ar de segunda a sexta-feira, com perfil informativo e "objetivo de desmistificar o candomblé", dirigido "Não só aos adeptos mas a todos aqueles que querem ouvir algo novo". BOLETIM AFRONOTÍCIAS, nr.35

⁷ A empresa de WEB Aguaforte é um exemplo: oferece diversos serviços de cunho social, entre eles classificados gratuitos ("Coisas do Brasil"), mensagens espirituais ("mercador de palavras"), além de

"hospedar" diversos sites de Candomblé. Mantém ainda, sob responsabilidade da Profa. Dra. Rita Melo Amaral, a excelente página Urbanitas que, entre outros assuntos, informa e atualiza sobre textos, endereços e notícias de terreiros de candomblé (<http://www.aguaforte.com>)

⁸ O Boletim Afronotícias, da Universidade Candido Mendes é um ótimo informativo interativo sobre relações raciais, África e Cultura Negra no Brasil.

⁹ A rede informatizada é também utilizada como veículo de divulgação de idéias e posições políticas e culturais e como fórum organizativo dos grupos que atuam com religião afro-brasileira. Exemplo de articulação via eletrônica é o manifesto intitulado "*Exposição de Museu agride cultura negra na Bahia - Campanha pela devolução de objetos sagrados aos terreiros de candomblé da Bahia*", difundido por grupos baianos, entre eles AXÉ e a Organização Zumbi OnGs da Bahia, além do Fórum de Entidades de Direitos Humanos do Estado da Bahia e Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa da Bahia. Este documento protesta contra a referida exposição, solicita a devolução de objetos expropriados em incursões violentas da polícia aos terreiros, principalmente no passado, e solicita o envio de telegramas de repúdio ao então governador do Estado Paulo Souto. Diz o texto: "*o que se pretende ensinar às crianças e à juventude de várias escolas que freqüentam aquele museu? O desavisado visitante verá numa mesma exposição: máscaras mortuárias de criminosos decapitados, armas de fogo e outros instrumentos de homicídio, baralhos viciados, dados falsos, drogas diversas, testículos de bandidos, fetos deformados, cabeças decepadas...e belas criações de arte sacra negra*".

¹⁰ Por exemplo, o site da Botanica Lucumí, com sede nos EUA, que oferece desde produtos de cultos de origem africana a endereços e informes diversos sobre o tema.

¹¹ Refere-se à resistência ativa não-violenta expressa pelo líder indiano Mahatma Gandhi.

¹² Denominação usual para o grupo dos adeptos das religiões afro-brasileiras.

¹³ "*Amaci = líquido preparado com folhas sagradas, maceradas em água das quartinhas* do roncó**, deixado a clarear (repousar) durante sete dias no peji***. É destinado a banhar a cabeça das iniciandas...*". Cacciatore, 1988.

* "*Quartinhas = vasilhas de barro...onde são colocados, no peji, os líquidos para os orixás...*" (idem)

** "*Roncó = camarinha, quarto sagrado, espécie de claustro, onde as futuras iaô [iniciandas] são recolhidas...*" (idem)

*** "*Peji=Altar dos orixás, onde ficam os símbolos...*" ... (idem)

¹⁴ Diz "da casa" quando faz parte do conjunto de divindades que incorporam nos médiuns que frequentam determinado centro; notadamente refere-se às entidades incorporadas pelo chefe de terreiro.

¹⁵ Em trabalho anterior, busquei analisar as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. TRAMONTE, 1995.

¹⁶ Programa Hipermídia. Entrevista concedida ao canal GNT. 1997.